



VISÃO DE SÍNTESE

Conjuntamente com tudo o que Deus criou, foram também criadas as leis que sustentam e administram a criação, sendo essa a razão porque o Universo é harmonia e tudo acontece nas suas diversas dimensões em perfeito equilíbrio e ordem.

Qualquer acção desequilibradora provoca logo de imediato uma reacção rectificadora.

Segundo Einstein, o Universo é a própria lei universal.

Tudo existe subordinado a leis onde tudo o que nos acontece – que classificámos de bom ou de mau – são efeitos de causas provocadas por nós e que nada mais são que reacções rectificadoras provenientes de acções de natureza positiva ou negativa que accionámos já nesta reencarnação ou em anteriores.

Pode essa reacção tardar por motivos de necessidade evolutiva mas ela virá com absoluta infalibilidade, na hora certa, com a dosagem de rectificação adequada.

É essa a sua exigência. Ninguém poderá alterar o equilíbrio correcto do Universo em todas as suas multiplicidades visto este proceder natural e inexoravelmente, interagindo, ao seu reajuste.

A acção que deu lugar a uma perturbação da normalidade vai provocar, infalivelmente, a reacção do que foi perturbado.

E estes dois factores, acção e reacção, actuando como causa e efeito, mantêm o equilíbrio do todo através de uma interacção. À reacção negativa provocada chamou-se “pena que resulta em sofrimento”.

No caso do Homem, na sua ascensão, à acção negativa que ele provocou chamou-se culpa e em termos de religião chamou-se pecado.

Se fosse possível alguém fazer mal sem que esse mal se viesse a reflectir nele próprio, o culpado teria prevalecido sobre as leis universais e alterado a Lei de Causa e Efeito, o que deitaria por terra a infalibilidade da Justiça Divina.

Fazendo o Homem parte do todo, torna-se impossível que alguém que provoque sofrimento e dor, seja a quem for, o possa fazer sem o fazer a si mesmo.

Perceber em toda a sua extensão a lei de Causa e Efeito, que é infalível, é ser sábio e ser sábio é deixar de praticar o chamado mal, razão porque praticar o mal é ser ignorante.

Sabendo disto porque era sábio e trazia em sua missão o esclarecimento à humanidade, diz-nos Jesus: «Sede pois misericordioso, como também vosso Pai é



misericordioso. Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; perdoai, e sereis perdoados.»(Lc 6,36-37).

Ao pronunciar estes ensinamentos anuncia Jesus ao mundo a lei de Causa e Efeito, conhecida no Oriente como Lei do Karma.

Se todos os homens compreendessem aquilo que Jesus nos transmitiu através destas assertivas, não haveria tanta desgraça sofrida, porque os homens se tornariam compassivos sobre a face da Terra, porque teriam entendido que fazer mal a seus semelhantes, e não só, é fazer mal a si próprio.

O sábio da ciência do espírito eleva-se ao nível da espiritualidade superior – a da luz da qual proveio – porque mantém perfeita harmonia com a lei do Universo.

As próprias palavras – ser-se espiritualmente superior – querem dizer que o homem sábio espiritualmente é o Homem universal, integral, cósmico, que não deseja possuir uma vantagem parcial contrária à ordem absoluta da criação Divina.

A imanência do espírito Divino, criando de si a substância primordial, tem sempre a mesma origem e a diversidade difunde-se pelos infindáveis estados de luz, energia e matéria composta, o que demonstra e comprova o Creador no seu absolutismo “imane e transcendente”.

Tudo no Universo se encontra em evolução, resultado de uma primeira fase a que se chamou involução porque tudo vem do centro para a periferia em estado primário e tudo ascende da periferia para o centro em estado sublimado.

Pensamos que foi o que aconteceu com a real essência constituinte da individualidade humana, que desce até à periferia em estado próprio de densidade para possibilitar o contacto exterior com a matéria que se encontra em estado compacto de congelamento.

E foi a partir daqui que ascendeu até ao plano hominal, passando pelo mineral, vegetal e animal, no qual adquiriu as condições necessárias para receber o livre arbítrio e a inteligência dedutiva, passando o Homem a ser o determinador daquilo que conhecemos como o processo evolutivo do Ser.

Deste modo, a partir da ascensão ao plano hominal, passou o Homem a ser responsável pelos seus actos, quer sejam físicos, mentais ou emocionais.

Como a própria palavra evolução define, é algo que vai crescendo com a obtenção do conhecimento que produz a consciencialização que o ser gradualmente vai adquirindo com a experiência vivida nos planos de vida na forma que percorreu.

Na pergunta 540 de “O Livro dos Espíritos”, sob a rubrica de “Acção dos espíritos aos fenómenos da natureza”, o seu último período diz o seguinte: «É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até ao arcanjo, que também



começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender no seu conjunto!»

Em absoluto, nada na criação se poderá eliminar ou extinguir, seja em estado material ou espiritual, visto que tudo que foi criado provém da mesma substância primordial que, por sua vez, foi criada pelo espírito Divino – o Ser absoluto – e, seja o que for, faz parte do todo.

Sendo assim, como é possível que haja culpados julgando outros culpados?

Se os há é porque ainda não evoluíram, porque ainda não aprenderam a lição em causa própria.

Por isso, inevitavelmente terão que voltar à forma para repetir em outros renascimentos a aprendizagem, vivendo-a, para saberem que julgam naquilo que já foram julgados ou ainda terão que o ser.

E como poderão ser condenadores, condenados que já foram ou que ainda virão a ser?

Jesus é pois um sábio, verdadeiro conhecedor das leis cósmicas que regem a perfeita harmonia, bem como a integridade justa de todas as coisas criadas.

É por isso que nos aconselha: «Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando, vos deitarão no vosso regaço; pois com a mesma medida com que medirdes vos medirão de novo.» (Lc 6,38).

E conhecendo como conhecia a mente humana, adverte-nos Jesus referindo-se àqueles cuja mente está poluída pelas mais vis maledicências e intrigas: «Ou como dirás a teu irmão: deixa-me tirar o argueiro do teu olho; estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão.» (Mt 7,4-5).

Deste modo Ele adverte e ensina aos homens a forma de proceder, para que a alma humana possa crescer em perfeito equilíbrio e sintonia com o todo.

Não julgueis, não condeneis, sede pois humildes porque nenhum de nós, homens, está isento de julgamento e de condenação por via de nossa ignorância.

Como um provérbio bastante popular nos esclarece: “Diz o roto ao nu, porque não te vestes tu?”

Nenhum ser, por mais forte que tenha sido criado, poderá frustrar um só dos planos da criação.

Por maiores desmandos que o Homem provoque, jamais poderá alterar a harmonia do todo.



Sabemos que o nosso mundo concentra luz e sombra e nele coexistem os chamados bem e mal, pois nessa dicotomia funciona o livre arbítrio que Deus introduziu na criação e que leva as leis inexoráveis do Universo a tudo repor no seu devido lugar.

Quando o Homem desrespeita alguma das leis cósmicas, faltando à verdade, à justiça, ao amor por todas as coisas criadas, desarmonizando e criando caos, entra na área da culpabilidade, recebendo o reverso que designámos por pena, objectivada pelo sofrimento.

Ao proceder a qualquer desestabilização da lei, por ignorância ou por interesses materiais, dominado pelo seu ego, logo, naturalmente, as leis cósmicas espirituais interferem para que vivencie aquela situação a fim de que fique consciencializado do mal praticado.

Por este motivo todos os grandes mestres da ciência espiritual cósmica afirmam que *“só vivendo se sabe”*.

Logo, com a medida com que medirdes, sereis medidos.

Deus deixaria de ser soberanamente onipotente se o Universo pudesse ser alterado pelos seres que nele habitam. Mesmo quando tudo parece caos, é apenas ilusão porque nessa aparência estão forças cósmicas em movimento.

Do aparente caos observado provém sempre algo de superior e belo, na contínua transformação evolutiva.

A culpa é algo de negativo, como negativo é também a pena, o sofrimento.

Como já foi dito, o negativo da culpa produz de imediato o processo da pena. Por isso negativo gera negativo, pelo que pensamos que esse processo é a homeopatia cósmica do universo.

O bem nascido do amor produz o bem, que logo nasce do objecto visado, visto o positivo gerar o positivo.

Se assumirmos atitudes negativas como, por exemplo, odiando, o Universo assumirá atitudes negativas contra nós fazendo-nos ser odiados para nos transformarmos.

Se, pelo contrário, assumirmos atitude positiva como, por exemplo, amando, o universo assumirá atitude positiva, amando-nos.

É deste modo que se mantém o equilíbrio estável do Universo. E isto não é de agora mas de sempre, desde o princípio.

Tudo se desenrolou dentro de leis inalteráveis que tudo regem e tudo providenciam.



Na natureza não há a possibilidade de alterar leis, de revogá-las, de fazer novas ou de acrescentar as existentes porque tudo foi previsto e resolvido pela omnisciência Divina e declarado pelo Ser absoluto, o Criador “que tudo estava bem”.

Toda a sabedoria do Homem é cientificar-se de como tudo funciona na criação e, desse modo, não mais assumir atitudes negativas mas sempre atitudes positivas, sabendo que o grande arcano do Universo é o amor.

Toda a sabedoria consiste em que o Homem, espontaneamente, harmonize a sua manifestação subjectiva com a eterna e indestrutível realidade objectiva do Universo, sintonizando e fidelizando o seu minúsculo querer e agir com o grande querer, que é o agir Divino.

Porque quem nos mede com a mesma medida é a inexorável rectidão das leis cósmicas – através do elemento a que denominámos consciência, servindo-se dos requisitos da natureza do Homem – intrínseca na natureza do todo.

A verdade e a justiça estão intrinsecamente representadas na natureza da própria criação, devidamente coordenadas.

A harmonia universal, subjectivamente negada pela culpa ou afirmada pelo amor, não pode, em hipótese alguma, deixar de agir no mesmo sentido, negativo ou positivo, sofrimento ou felicidade, levando em linha de conta os diversos graus atenuantes de consciência já obtidos pelos seres.

Deste modo se considera perfeita a Justiça Divina pelo que devemos, antes de tomar posição, recordar que tudo quanto de nós sai, volta e por tal motivo devemos estar atentos para pró-agir correctamente.

E sendo assim que pensamos, não podemos deixar de observar aquela recomendação que Jesus nos faz: «Outrossim, ouvistes que foi dito aos antigos: não perjurarás, mas cumprirás teus juramentos ao Senhor. Eu porém, vos digo que de maneira nenhuma jureis: nem pelo Céu, porque é o trono de Deus; nem pela Terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande rei; nem jurarás pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja, porém, o vosso falar; sim, sim; não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna.» (Mt 5,33-37).

Muitas pessoas recorrem ao juramento, não só para se fazerem acreditar como também o exigem para ficarem tranquilos.

Mas há ainda quem jure em nome de Deus, o que não deixa de ser um perjúrio levando em conta o que atrás se encontra descrito como conselho de Jesus.

Os homens estão habituados a mentir uns aos outros para conseguirem obter os seus fins. E o hábito tornou-se tão vulgar que jurar ou não jurar não altera absolutamente nada neste mundo porque, de uma maneira geral, ninguém acredita.



Mas no âmbito da ciência do espírito onde a consciência se torna juiz de nós mesmos, é muito gravoso jurar-se falso, porque cria-se sofrimento devido à abrangência da acuidade da consciência.

De uma maneira geral todo o mundo mente, assim como se pode jurar falso.

Todo o mundo mente e leva as pessoas, desde tenra idade, a mentir induzidas pelos adultos a fim de colmatar esta ou aquela situação, usando para isso diversas desculpas.

Há pois alguns pretextos para se mentir: “esta mentira não prejudica ninguém” ou “é apenas uma mentira piedosa”, o que na realidade não deixa de ser uma refinadíssima mentira para além de ser aberto um precedente.

Pensamos que quando Jesus propôs esta imensa verdade, queria dizer-nos que não é o facto de nos debruçarmos em sintomas para os resolver que interessa, mas sim eliminar a verdadeira doença – a mentira.

Se a humanidade se habituasse a nunca mentir, que necessidade existiria do juramento? Um simples sim, ou um simples não, seria o suficiente.

Aquele que compreendeu os altos desígnios da mensagem crística, faz consigo mesmo o sagrado pacto de nunca faltar à verdade, por maiores que sejam as vantagens ou desvantagens.

Quando, às vezes, nos detemos nos anúncios de publicidade, podemos verificar as artes mágicas especializadas em ludibriar os outros semelhantes de modo a levá-los a satisfazerem os seus interesseiros objectivos.

No homem profano, o escrúpulo é o sentimento que ainda não faz parte da sua consciência e, por isso, nele tudo é mentira e hipocrisia em função da estrutura social que o próprio Homem criou e na qual ele se movimenta.

Certos países ditos cristãos na observância da justiça humana, obrigam as testemunhas a jurar sobre a Bíblia que só dirão a verdade, o que na maior parte das vezes não corresponde ao exigido.

Inconcebível factício pois estão jurando sobre o próprio livro cristão onde está escrito – como princípio espiritual – que não jurareis de forma alguma.

A verdadeira felicidade não germina senão num clima de verdade incondicional absoluta.

Muitos foram os homens que por amor à verdade sofreram tormentos imensos. Enquanto os seus corpos eram selvaticamente supliciados e sacrificados, as suas almas elevavam-se e enchiam-se de luz.



Sendo Deus a própria verdade, tanto mais divino é o Homem quanto mais intransigentemente abraçar a verdade.

Jesus, na sua missão, falou a seres humanos de diversas condições: humildes, incultos, cultos e outros, ditos senhores conhecedores das leis Divinas.

Porque razão o compreenderam melhor uns que outros? Se é que houve alguém que o compreendesse integralmente!

Porque, parafraseando Mateus em 13,12 e Lucas em 8,18 “Ainda hoje uns já têm e outros ainda não têm. Uns estão dormindo e outros estão acordados”. Tudo portanto depende do grau evolutivo em que se encontram.

E isto é padrão cósmico para toda a criação.

Ao fim e ao cabo cada um está no lugar a que chegou evolutivamente, mas todos, sem excepção, mereceram a disponibilidade de Jesus.

Porque Jesus já era amor e, sendo amor, é uma dádiva Divina de compaixão.

02-05-1979 Abrame